

## RESUMO

Este artigo investiga as noções de cartografia e o ato de caminhar nas artes visuais, destacando a influência dessas práticas na produção artística contemporânea e a relação entre espaço e subjetividade. Discutiremos os conceitos de deriva e situacionismo de Guy Debord e suas intervenções cartográficas, além das contribuições de teóricos como Besse e Harley, que abordam a cartografia como uma expressão cultural. Além disso, apresentaremos o trabalho artístico “Tramas do Caminhar”, que utiliza costura e materiais têxteis para materializar experiências sensoriais e afetivas, refletindo as complexidades do ambiente urbano.

**Palavras-chave:** Caminhar, cartografia afetiva, tramas do caminhar, deriva, Centro de Vitória/ES.

## PLOTS OF WALKING: CREATIVE PROCESS BASED ON CONCEPTS OF AFFECTIVE CARTOGRAPHY

## ABSTRACT

This article investigates the notions of cartography and the act of walking in the visual arts, highlighting the influence of these practices on contemporary artistic production and the relationship between space and subjectivity. We will discuss Guy Debord's concepts of drift and situationism and his cartographic interventions, as well as the contributions of theorists such as Besse and Harley, who approach cartography as a cultural expression. In addition, we will present the artwork “Tramas do Caminhar”, which uses sewing and textile materials to materialize sensory and affective experiences, reflecting the complexities of the urban environment.

**Keywords:** Walking, affective cartography, tramas do caminhar, drifting, Vitória/ES city center.

## Ponto de partida

Este artigo tem como objetivo discutir a interseção entre cartografia, o ato de caminhar e as artes visuais, explorando como essas práticas influenciam a produção artística contemporânea e evidenciam a relação entre espaço, subjetividade e arte. O conteúdo apresentado é um recorte teórico e artístico da dissertação “Caminhar: afeto, cartografia e experiência poética no Centro de Vitória (ES)”. A cartografia, tradicionalmente utilizada para representar o espaço de forma objetiva e utilitária, adquire novas dimensões quando aplicada à arte, enquanto o ato de caminhar se transforma em uma prática performativa e investigativa, revelando camadas subjetivas do espaço urbano.

A representação do percurso é resolvida por meio de imagens e de textos gráficos que testemunham a experiência do caminhar com a consciência de jamais poder alcançá-la através da representação (CARERI, 2013, p.133)

1 Este artigo provém de minha dissertação de mestrado “Caminhar: afeto, cartografia e experiência poética no Centro de Vitória (ES)”, cuja pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação de Cláudia Maria França da Silva.

2 Artista, pesquisadora e docente do ensino básico, com atuação na linguagem do Caminhar Artístico. Mestre em Artes pelo PPGA/UFES, onde desenvolvi o projeto “CAMINHAR: AFETO, CARTOGRAFIA E EXPERIÊNCIA POÉTICA NO CENTRO DE VITÓRIA (ES)”, sob a orientação de Cláudia França, que investiga o caminhar como prática artística e cartografia afetiva do espaço urbano. Bacharel em Artes Plásticas pela mesma universidade, onde realizei o projeto teórico-artístico “01 de Janeiro: Noticiário policial e os estereótipos urbanos”

Francesco Careri, ao afirmar que a representação do percurso se dá por meio de imagens e textos gráficos, destaca a importância dos registros visuais e escritos como formas de capturar e compartilhar a vivência do movimento. No entanto, a segunda parte da citação revela uma tensão intrínseca: a consciência de que, por mais que tentemos representar essa experiência, ela permanecerá sempre além do que conseguimos capturar. A ideia de “nunca poder alcançá-la através da representação” indica que a essência do caminhar, com suas nuances e descobertas, não pode ser completamente capturada por imagens ou textos.

Neste contexto, serão explorados conceitos como a psicogeografia, elaborada por Guy Debord e o movimento situacionista, que propôs novos modos de interação com o ambiente urbano por meio da deriva – o ato de caminhar sem rumo fixo, se permitindo ser guiado pelos estímulos emocionais e sensoriais do espaço.

Além disso, a série “**Tramas do Caminhar**”, de minha autoria, será apresentada como um estudo artístico que traduz as experiências vividas nas caminhadas pelo centro de Vitória, ES, em costuras e bordados que representam as tramas, os percursos e as emoções do caminhar urbano.

### **Caminhar e as cartografias afetivas**

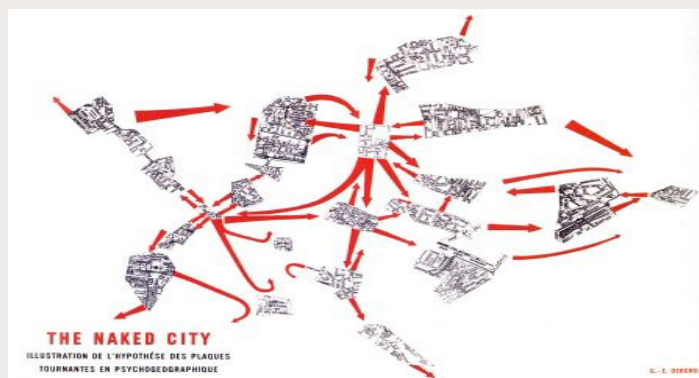
Nas artes contemporâneas, caminhar emerge como uma prática artística e investigativa, um gesto que sobressai o ato funcional e cotidiano de percorrer o espaço. Esse movimento físico, aparentemente simples, se transforma em uma metodologia e linguagem artística, em que a experiência do corpo em deslocamento ativa novas percepções e relações com o ambiente. A cartografia, por sua vez, deixa de ser um suporte meramente técnico e utilitário, para se converter em um espaço de subjetividade, um dispositivo que articula poética e afetividade no mapeamento de experiências e trajetos. Pode-se dizer que, de acordo com Visconti (2014, p.77), o mapa se torna um instrumento que, em vez de simplesmente interromper o percurso, nos ajuda a perdê-lo; além disso, ele pode servir como um suporte para a criação de itinerários arbitrários, especialmente nos casos em que artistas intervêm nos mapas e, posteriormente, realizam fisicamente os caminhos que traçaram.

Francesco Careri (2013) propõe o caminhar como uma forma de “urbanismo performativo”, no qual o corpo em movimento revela camadas invisíveis e ocultas da cidade. O trajeto do andarilho, que se desenrola de maneira espontânea e sensorial, gera cartografias vivas e efêmeras, configurando uma rede de narrativas íntimas e pessoais sobre o espaço urbano. Nessa perspectiva, o mapa deixa de ser um instrumento de controle e passa a ser entendido como uma trama afetiva, em que cada caminhada é uma intervenção no tecido urbano. O autor destaca ainda que os mapas, em sua reconfiguração artística, deixam de ser apenas uma ferramenta de orientação para se tornarem representações de encontros afetivos com o território.

Ao abordar o mapa como uma representação física alternativa de um local, começaremos com o mapa da cidade de Paris e, em seguida, apresentaremos “The Naked City” de Guy Debord, uma construção situacionista e a mais conhecida dentro desse movimento. Este último é elaborado por meio da sobreposição de áreas cujos critérios são a afetividade e a formação de “unidades ambientais”. O mapa de Paris é segmentado em 20 distritos, conhecidos como *arrondissements*, dispostos em uma configuração em espiral que se expande do centro para a periferia, movendo-se da esquerda para a direita. Essa organização surgiu das transformações urbanas promovidas por Haussmann, prefeito de Paris, com o objetivo de modernizar a capital durante o século XIX. Por outro lado, o mapa criado por Debord adota uma abordagem psicogeográfica,

derivada do mapa formal de Paris. Ele apresenta uma colagem composta por dezoito zonas ou fragmentos isolados, e a disposição dessas áreas permite a adição de setenta e seis setas vermelhas, que variam em formas e tamanhos.

Figura 1 - Guy Debord - The Naked City, 1957

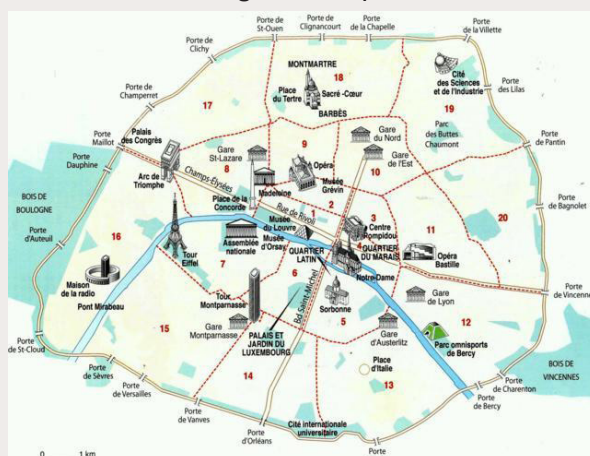


Fonte: Research Gate

Segundo Leonídio (2015, s/p), o mapa serve para indicar duas situações: “a presença de extratos urbanos com características mais ou menos homogêneas dentro do amplo contexto do espaço urbano de Paris” e “as interconexões inesperadas geradas por uma experiência não convencional do espaço público urbano”. Isso significa que, ao identificar um local, é possível criar situações que promovam relacionamentos, interações com o ambiente e com as pessoas. Para isso, é necessário que as pessoas renunciem ao tempo para aproveitar o espaço e as oportunidades que ele oferece.

“The Naked City” tem um caráter mais artístico do que uma representação topográfica real. Ele ainda se alinha à ideia de mapa formal, funcionando como um meio alternativo para acessar as zonas, sem abrir mão do formalismo e do cientificismo. Essa diferença é evidente quando comparamos o mapa de Paris, que apresenta uma sequência de percursos do distrito 1 ao 20 em um padrão espiralado, com o mapa de Debord, que não privilegia uma direção específica, mas adota um princípio de dispersão e mistura de significados.

Figura 2 - Mapa de Paris.



Fonte: <https://www.fuipraeuropa.com.br/2012/10/12/os-arrondissements-de-paris-no-fpe/>

Embora o conceito de mapear no campo da arte seja amplamente reconhecido, essa prática está mais relacionada à conexão com o lugar do que à sua representação cartográfica, ainda que essa representação tenha um papel importante ao lidarmos com as especificidades dos lugares.

Os situacionistas argumentavam que a cidade moderna estava repleta de espaços monótonos, alienantes e segregados, que limitavam a liberdade individual e a interação social. Para contrapor essa situação, eles propunham a prática da “deriva”, um tipo de caminhada aleatória pela cidade, guiada pela intuição e pelo desejo de explorar novos territórios. Para Jacques (2003) “A psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas deambulações urbanas que eram as derivas situacionistas (Ibid, p.23)”. A deriva permitia a descoberta de lugares negligenciados, a revalorização da subjetividade e a reivindicação do direito à cidade.

J.B. Harley em seu artigo *Deconstruction the map* [Desconstruindo o mapa] (1992, s.p) aprofunda a crítica à cartografia tradicional, que desmistifica a ideia de que os mapas são representações neutras da realidade. Para Harley, os mapas são, na verdade, construções culturais imbuídas de ideologias e relações de poder. Eles não refletem o mundo de maneira objetiva, mas sim constroem uma narrativa sobre ele, moldada por interesses e perspectivas específicas. Esse entendimento abre caminho para que artistas utilizem os mapas como uma forma de crítica e exploração de suas limitações, inserindo a subjetividade na própria cartografia.

De acordo com Besse, os artistas não se configuram como cartógrafos, mas seus trabalhos estão inseridos em uma cartografia que se relaciona aos espaços e suas representações. Os artistas “chegaram à cartografia a partir de um questionamento próprio da arte, relativo às relações que a obra mantém com o real, com o espaço, o tempo, a matéria e, mais geralmente, relativo aos quadros perceptivos e simbólicos da experiência do mundo” (BESSE, 2014, p. 141).

Para Harley, “os mapas são um texto cultural” (1992, s/p), fundamentando-se na obra de Roland Barthes ao associar a imagem ao texto como uma produção ou revelação de signos. Ao compreendermos e aceitarmos essa perspectiva, podemos construir leituras a partir do texto cartográfico e realizar interpretações. Dessa forma, a cartografia pode ser percebida como construção de um discurso.

Não é difícil encontrar para os mapas — especialmente os produzidos e manipulados pelo Estado — um nicho na “matriz poder/conhecimento da ordem moderna”. Especialmente onde os mapas são encomendados pelo governo (ou são derivados de tais mapas), pode-se ver como eles estendem e reforçam os estatutos legais, imperativos territoriais e valores decorrentes do exercício do poder político (HARLEY, 1992, s/p).

Besse (2014) reforça essa abordagem ao argumentar que os mapas podem ser ressignificados pela arte. Ele defende que a cartografia, quando abordada artisticamente, oferece possibilidades de interpretação sensível do espaço, tornando-se um recurso expressivo para a criação de novas leituras do território. Essa abordagem liberta os mapas da rigidez técnica e os transforma em suportes criativos que abrigam múltiplas narrativas, promovendo um diálogo entre espaço, tempo e subjetividade.

Chegaram à cartografia a partir de um questionamento próprio da arte, relativo às relações que a obra mantém com o real, com o espaço, o tempo, a matéria e, mais geralmente, relativo aos quadros perceptivos e simbólicos da experiência do mundo (BESSE, 2014, p. 141).

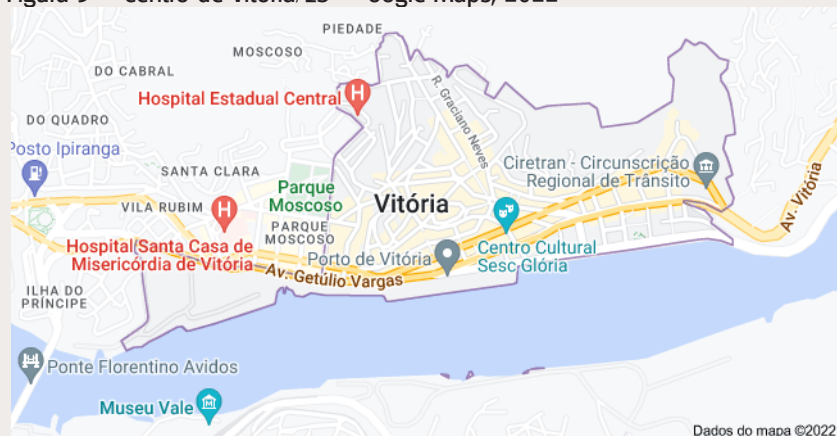
Assim, caminhar e cartografar se entrelaçam na prática artística contemporânea, não apenas como formas de experimentação espacial, mas como maneiras de criar novos sentidos e interpretações do mundo. Ao romper com a lógica utilitária dos mapas, artistas contemporâneos ressignificam o ato de caminhar e

mapeiam a relação afetiva entre o sujeito e o espaço. Dessa maneira, o território deixa de ser um dado fixo e se torna um campo de experimentação sensorial, poética e subjetiva.

### Tramas do Caminhar

O trabalho “Tramas do Caminhar” investiga a relação entre o espaço urbano, o ato de caminhar e suas representações artísticas. Dialogando com teorias de cartografia afetiva e psicogeografia, o projeto explora como caminhadas por territórios urbanos geram experiências afetivas e sensoriais, traduzidas em composições têxteis.

Figura 3 - “Centro de Vitória/ES” – oogle Maps, 2022



(Fonte: Google Maps)

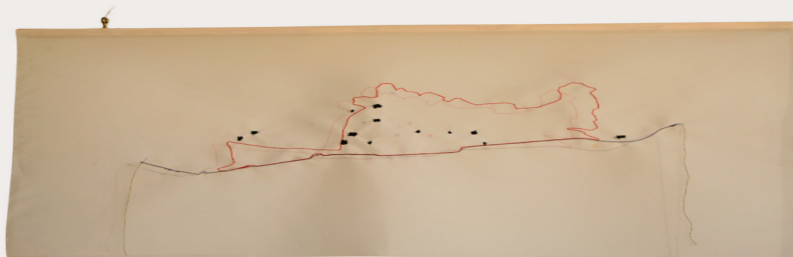
O ponto de partida deste trabalho é minha experiência como migrante mineira no Espírito Santo. Ao chegar em Vitória, sentia o forte cheiro de maresia na Curva do Saldanha, entrada do bairro Centro, com vista para o Porto de Vitória. Com o tempo, esse cheiro desapareceu para mim, o que me motivou a caminhar novamente pelo Centro, buscando reescrever memórias afetivas em um lugar que, aos poucos, passei a sentir como meu.

### Mapa das Memórias Afetivas

O “Mapa das Memórias Afetivas” é uma obra que revisita e materializa memórias ligadas a lugares específicos do Centro da cidade. Com dimensões de 55 x 38 cm, a peça é composta por tecidos sintéticos em uma paleta de cores suaves, que variam do azul ao vermelho. As linhas de costura, em diferentes tonalidades, traçam caminhos que evocam lembranças e sentimentos associados a cada local percorrido.

As costuras, orgânicas e fluidas, refletem a natureza afetiva das memórias. Pontos e tramas entrelaçados visualmente representam a interconexão entre experiências passadas, sugerindo que cada vivência influencia outra.

Figura 4 - Mapa das memórias afetivas, costura e linha sobre não tecido - nylon, 55 x 38, 2023.



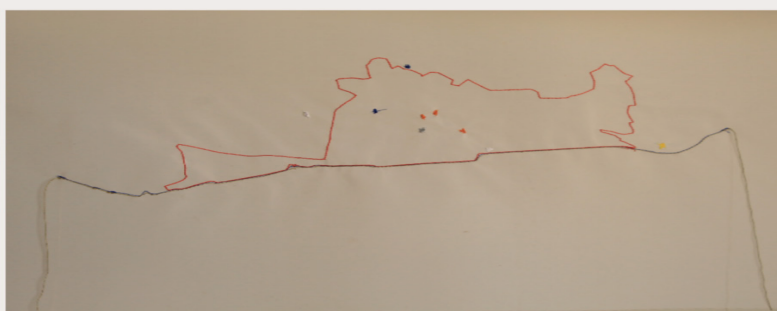
Fonte: Coleção Pessoal.

Os pontos pretos marcam lugares de afeto, com intensidade maior nos locais que despertam maior interesse e vínculo emocional. Vivendo há mais de 10 anos na região e sempre caminhando pelo Centro, a proposta de uma caminhada com roteiro busca revisitar esses locais e materializar a memória de forma renovada, questionando o que já não está lá, o que permanece e o que se transformou.

### Mapa dos Sentidos

O “Mapa dos Sentidos” é uma peça que instiga à experimentação sensorial do espaço urbano. Com dimensões de 55 x 38 cm, esta obra que possui uma paleta de cores mais variada, incorporando tons quentes de vermelho, laranja e amarelo. As linhas de costura, feitas com fios texturizados, representam os diferentes estímulos sensoriais encontrados durante as caminhadas, como sons, cheiros e visões.

Figura 5 - Mapa dos sentidos, costura e linha sobre não tecido - nylon, 55 x 38, 2023.

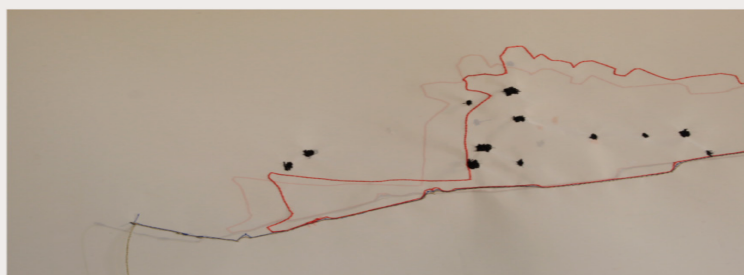


Fonte: Coleção Pessoal.

Elementos visuais, como a sobreposição de tecidos em diferentes camadas, simbolizam a complexidade da experiência sensorial, em que cada camada representa uma nova percepção ou emoção associada ao espaço. As escolhas de cores quentes e vibrantes refletem a intensidade das experiências urbanas, ressaltando a conexão entre o corpo, os sentidos e o ambiente.

Mapas das memórias afetivas e Mapa dos sentidos formam uma única peça, na qual estão sobrepostos. Como possuem uma materialidade transparente, devido ao tecido sintético de nylon, é possível observar as imagens se interconectando. Isso cria uma situação em que podemos perceber que nossos sentidos, afetos e relações com a cidade podem ser alterados e/ou reafirmados a partir da interação que temos com ela. Dessa forma, ao revisitar os lugares importantes para mim e marcá-los/destacá-los no mapa artístico, no Mapa das Memórias, reconstruo uma nova lembrança sobre aquele local, ao mesmo tempo em que reitero os afetos trabalhados no Mapa dos Sentidos, em que marco com cores diferentes os lugares que me impactaram ao aguçar algum sentido sensorial, como cheiro/odor, visão, tato, paladar e audição.

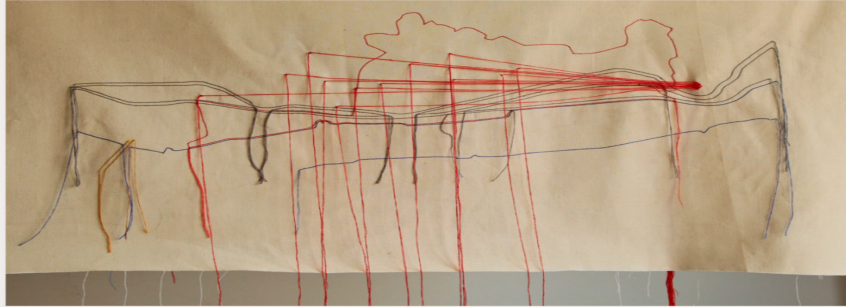
Figura 6 - Detalhe Mapa das memórias afetivas e mapa dos sentidos, costura e linha sobre não tecido - nylon, 55 x 38, 2023



Fonte: Coleção Pessoal.

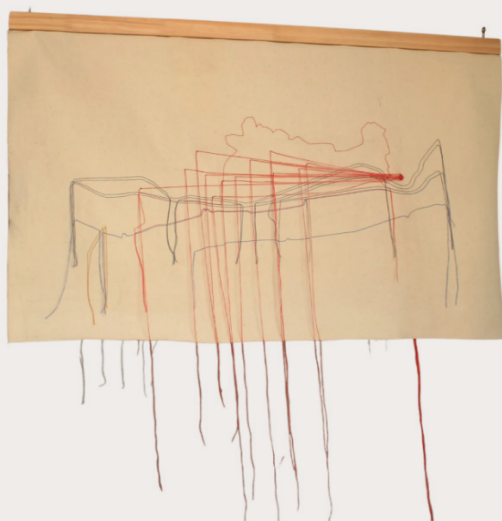
As cores destacadas no trabalho são: vermelho circundando o território do Centro de Vitória; em preto, as duas avenidas principais que conectam a região metropolitana — Avenida Jerônimo Monteiro e Avenida Princesa Isabel; além disso, uma linha azul margeia a divisão entre a orla e o mar. À esquerda, há uma linha dourada simbolizando a ponte desativada Florentino Avidos. Por fim, um ponto destacado em vermelho, do qual partem várias linhas também em vermelho, marca o “ponto de partida” localizado na Curva do Saldanha, onde começou o incômodo da perda do olfato e o desejo de resgatar ou reescrever outras memórias. A partir desse ponto, destaco os lugares significativos para mim no Centro de Vitória.

Figura 7 - Detalhe do Mapa - Ponto de partida, costura e linha sobre algodão cru, 77x56, 2023.



Fonte: Coleção Pessoal

Figura 8 - Mapa - Ponto de partida, costura e linha sobre algodão cru, 77x56, 2023.



Fonte: Coleção Pessoal



## Sobre o Processo de Criação

O processo criativo de “Tramas do Caminhar” começa pela observação atenta do espaço urbano e o ato de caminhar, inspirado nas noções de deriva situacionista de Guy Debord e também a partir dos textos dos autores Francesco Careri ‘Walkscapes: o caminhar como prática estética’ (2013) e Rebecca Solnit ‘A história do Caminhar’ (2016).

Artistas “caminhantes” que me inspiraram para este trabalho foram Stanley Brouwn<sup>3</sup> e Francis Alÿs<sup>4</sup>, que exemplificam essas práticas de mapeamento e caminhada. Brouwn propõe uma cartografia que convida o espectador a reimaginar o espaço urbano por meio de suas caminhadas, revelando a relação subjetiva entre o indivíduo e o espaço. Já Francis Alÿs, com sua prática de caminhar e documentar suas trajetórias, traz à arte discussões sobre as questões sociais e políticas, transformando o ato de caminhar em uma forma de resistência e crítica.

O caminhar torna-se um modo de mapeamento afetivo e sensorial, onde o espaço urbano é vivido de maneira experimental e subjetiva, em vez de ser percebido como uma estrutura fixa e ordenada.

Durante as minhas caminhadas, fiz registros visuais e relatos escritos, captando elementos que marcam a experiência de mover-se pelo espaço — texturas, cores, sons, histórias, encontros casuais. Esses registros, inicialmente fragmentados, formaram a base para a criação dos mapas afetivos que se concretizam nas peças de tecido.

A criação dos mapas em tecido ocorre em etapas que refletem o processo de composição das vivências urbanas e também a partir da minha experiência enquanto costureira. Primeiro, as linhas de costura traçam os percursos percorridos nas caminhadas, com seus desvios, sobreposições e pausas. Essas linhas não seguem uma lógica cartográfica precisa; em vez disso, são desenhadas como trajetórias fluidas e abertas, que evocam a espontaneidade do movimento e a indeterminação do espaço urbano. O uso de técnicas como o bordado livre e a costura à máquina permite que os mapas sejam construídos com camadas de texturas, tornando visível o aspecto material e tátil da experiência urbana.

## Ponto de chegada

Ao explorar as interseções entre caminhada, mapeamento e experiência urbana, este artigo demonstrou como a cartografia, quando ressignificada como linguagem artística, oferece novos modos de interação com o espaço e a memória. A análise do ato de caminhar e da representação subjetiva do espaço urbano evidenciou como artistas contemporâneos têm transformado as noções tradicionais de mapeamento, tornando-o poético e afetivo.

A costura, assim, torna-se um ato de “tecer” o espaço e as vivências, onde cada ponto representa uma memória, um encontro ou uma sensação experimentada durante o caminhar. O tecido, como suporte artístico, reforça essa noção de trama, já que nele se entrelaçam as narrativas pessoais e as interações afetivas com o espaço. As linhas do bordado e a própria textura do tecido são, portanto, mapeamentos de um espaço que é vivido, sentido e transformado a partir das experiências subjetivas do caminhar.

3 Para conhecer o trabalho do artista Stanley Brouwn, veja: “This Way Brouwn.” Disponível em: <https://teaching.ellenmueller.com/walking/2021/10/10/stanley-brouwn-this-way-brouwn-1962/>. Acesso em: 15 de outubro de 2024.

4 Para conhecer o trabalho do artista Francis Alÿs, veja: <https://francisalys.com/>. Acesso em: 15 de outubro de 2024.

## REFERÊNCIAS

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- DEBORD, Guy-Ernest. "Teoria da deriva". In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- GOMES, Karoline Gomes. **Caminhar: afeto, cartografia e experiência poética no Centro de Vitória (ES)**<sup>5</sup>. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/ec4f00f3-d433-43af-bd21-59dc75045d48>. Acesso em: [10 de setembro de 2024].
- HARLEY, J. B. **Deconstructing the map**. Ann Arbor, Michigan: MPublishing, University of Michigan Library, Passages, 1992. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2027/spo.4761530.0003.008> Acesso em: 17 de novembro de 2022.
- LEONIDIO, Otavio. **Guy Debord e Robert Smithson: Espaço, tempo e história**. In Vitruvius, Situacionismo/Minimalismo, 176.00, sp, jan, 2015. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458> Acesso em: 16 de janeiro de 2023.
- VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas derivas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

---

5 O autor foi retirado devido a menção a autoria do próprio artigo. Uma vez aprovado, será inserido.